



Estudo sobre a formação de redes sociais de informação geopolítica através de noticiário sobre o conflito palestino-israelense¹

Karin de Pecci e FUSARO²;
Margarethe Born STEINBERGER-ELIAS³
Universidade Federal do ABC (UFABC), Santo André, SP

RESUMO

Este trabalho é uma primeira tentativa de explorar as condições de construção de redes sociais de informação geopolítica a partir de uma análise da troca de comentários sobre textos do noticiário internacional. Toma como referência o conceito de que uma geopolítica da pós-modernidade é uma geopolítica da mídia (Steinberger, 2005), com ambientes tecnológicos que permitem novos traçados de interações comunicativas. Em estudo empírico sobre a interação entre leitores num fórum do site de notícias israelense *YNetNews*, mostramos a formação de *clusters* difusores e receptores de informação relacionada ao posicionamento do sistema societal israelense sobre o movimento de militares que praticam a recusa total ou seletiva em prestar serviço nos territórios palestinos ocupados (*refusenik*)⁴.

PALAVRAS-CHAVE: informação; jornalismo; geopolítica; conflito palestino-israelense

1. Introdução

Em 12 de julho de 2006, Israel atacou o Líbano em retaliação ao seqüestro de dois de seus soldados pelo Hezbollah, grupo xiita que age no país vizinho. O cessar-fogo aceito por Israel e Hezbollah em 14 de agosto colocou fim ao conflito no seu 34º dia. A guerra deixou um saldo de aproximadamente 1.400 mortos, civis libaneses em sua maioria.

Com cerca de 200 militares mortos, outros tantos feridos, e acusações de seu governo ter conduzido mal a situação no Líbano, a sociedade israelense teve de enfrentar outra baixa: a deserção de soldados durante a guerra. A nova onda de *refuseniks*⁴ – como são chamados os militares que adotam a recusa total ou seletiva alegando razões éticas e morais – foi iniciada pelo capitão Amir Pastar, um oficial da

¹ Trabalho apresentado no Endocom – Encontro de Informação em Ciências da Comunicação, evento que compõe o XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna especial da disciplina “Sistemas Sociais” do Mestrado de Engenharia da Informação da Universidade Federal do ABC (UFABC), email: karinfusaro@gmail.com

³ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação de Engenharia da Informação da Universidade Federal do ABC (UFABC), pesquisadora de sistemas de inteligência social através de redes sócio-comunicativas, ministrou a disciplina “Sistemas Sociais” em 2008. mborn@ufabc.edu.br

⁴ O termo *refusenik* é uma referência aos judeus que, entre as décadas de 1960 e 1970, tiveram oficialmente negado o direito de emigrar da União Soviética (URSS).



reserva que, escalado para a missão em território libanês, negou-se a integrar a Israel Defence Forces (IDF). Aos 32 anos, Pastar preferiu “enfrentar as punições militares a agir contra sua consciência”, disse a namorada do militar ao site YNetNews, do jornal israelense Yedioth Ahronoth. O oficial desertor foi condenado a 28 dias de prisão.

A decisão de Pastar, como a de *refuseniks* em toda a história de Israel, divide a opinião pública do país. País de dimensões estreitas e cenário de disputas políticas que já duram 60 anos, desde a sua proclamação em 1948, Israel tem uma sociedade intensamente militarizada. O serviço militar é obrigatório para homens e mulheres por cerca de três anos e os integrantes da IDF são responsáveis por atuações controversas de controle da população civil palestina em toda a Cisjordânia e nas fronteiras da Faixa de Gaza.

2. O movimento *refusenik* e Niklas Luhmann

Uma reportagem sobre a deserção de Amir Pastar, publicada em 30 de julho de 2006 pelo YNetNews, reflete a divisão de opinião de israelenses e daqueles que acompanham o noticiário do país em outros continentes. A partir dos comentários postados pelos leitores do site é possível verificar a distribuição geopolítica de quem apóia ou rechaça a conduta do militar israelense, verificando ainda como se dá a interação entre as regiões que manifestaram interesse pelo assunto. A ruptura de padrão provocada pelos rebeldes do exército israelense será avaliada à luz da teoria dos sistemas sociais proposta pelo sociólogo alemão Niklas Luhmann (1927-1998).

Baseados em padrões coletivamente estabelecidos, os sistemas sociais se diferenciam e se reproduzem. No entanto, o equilíbrio que tais definições promovem está permanentemente sujeito às dinâmicas próprias de cada sistema, que precisa das rupturas para sua auto-legitimação e auto-reprodução. Diante de quebras o sistema continua seu curso por meio da incorporação de novas significações e o estabelecimento de novos padrões.

O processo acima descrito – identificação de diferenças, redução de complexidades, equilíbrio – é rotineiro no sistema societal, sujeito a ininterruptas trocas de informação entre o ambiente e os componentes do sistema, internamente entre os elementos do sistema e mesmo entre um ou mais sistemas, tudo ocorrendo de forma simultânea.

Em 1948, o governo britânico retirou-se da região da Palestina, deixando o território sem políticas internacionais claras do estabelecimento de Estados para dois



povos que já dividiam as terras: palestinos e judeus. A retirada abriu caminho para o controle do grupo que prevalecesse. Em 15 de maio daquele ano, os judeus venceram a “Guerra da Independência” e proclamaram a criação do Estado de Israel, aceita internacionalmente, exceto pelos países árabes e pelo povo palestino.

Cercado por países que não o reconheciam como Estado, Israel tornou-se uma sociedade de combatentes, tendo o exército como uma das instituições mais fortes do país, e disposta a exercitar seu direito de defesa. Em junho de 1967, mais uma guerra. Diante da ameaça árabe de invasão, o jovem país antecipou-se e ocupou militarmente os territórios palestinos Faixa de Gaza e Cisjordânia, além do Sinai (Egito) e as colinas de Golan (Síria).

Se a “Guerra dos Seis Dias” levantou o moral da população israelense pela rapidez e sucesso de operações, motivou uma questão polêmica que ainda hoje é tratada como tabu: a desobediência militar. Três meses após o fim do conflito artistas, escritores, poetas e acadêmicos israelenses publicaram um manifesto no jornal Há’aretz contendo os princípios do movimento:

O nosso direito de nos defender não nos dá o direito de oprimir os outros. A ocupação obriga à revolta. A revolta leva ao esmagamento do povo revoltado. O esmagamento do povo revoltado leva ao terror, que leva ao contraterror. As vítimas do terror são em geral pessoas inocentes. A manutenção dos territórios ocupados nos torna um povo de assassinos a serem assassinados. Vamos devolver os territórios ocupados imediatamente!

(Kidron, 2008, p.30)

Adotando a recusa seletiva ou a total deserção, as diversas ondas de *refuseniks* mantêm a característica inicial do movimento de não prestar serviço militar nos territórios palestinos ocupados. A prática é vista por diferentes setores da sociedade como colaboração com as ações extremistas palestinas praticadas principalmente por militantes do grupo Hamas, que atualmente controla a Faixa de Gaza.

Se os *refuseniks* perturbam a ordem do sistema militar e, de maneira mais abrangente, do sistema societal israelense, cabe aqui uma questão: os sistemas se reorganizam para assimilar a ruptura, incorporando-a e transformando-se, ou isolam as práticas fazendo prevalecer o padrão vigente? A hipótese é que a sociedade israelense não apenas deixa o movimento *refusenik* à margem, como diversos setores o utilizam para reafirmar o valor do comportamento padrão.



2.1 Sistema social luhmanniano

Para manter sua unidade o sistema social realiza processos de “diferenciação”. De tudo o que pode ser apreendido do ambiente, ele seleciona a informação relevante ao seu funcionamento ou evolução. Esta redução de complexidade possibilita aos elementos do sistema lidar com um conjunto limitado de referências e possibilidades. No entanto, o sistema social é dinâmico, constantemente alterado pelo surgimento de questionamentos, novas ordens ou padrões. É o processamento de tais rupturas faz o sistema avançar, seja pela modificação de suas significações ou pelo seu reforço.

Os processos de significação absorvem instabilidades, promovendo a auto-referencialidade do sistema. Sobre significações Niklas Luhmann afirma:

“The closure of a meaning system can thus be understood as the control of its own possibilities for negation while producing its own elements. Every transition implies a no (however indeterminate) and can be conditioned by conditioning its use. Such control leads to a recursive calculation of calculation, and reality for such a system is nothing more than the ongoing reproduction that occurs in this way – because it succeeds, if it succeeds (which includes errors, mistakes, and their correction). (Luhmann, 1996, p. 445)

A informação é, para Luhmann, um evento que seleciona estados do sistema, e somente é possível dentro dele graças a esquemas de auto-referencialidade e interpretação. A informação seria, então, uma seleção entre as potencialidades que o sistema identifica e capta do ambiente, a ela atribuindo significações. Informação e sentido mudam de estado com o estabelecimento de novas conexões. Somente por meio da evolução de significações é que o sentido pode, ele mesmo, adquirir forma e estrutura. “(...) meaning and information [can] be distinguished, although all meaning reproduction occurs via information [processing] (...) and all information has meaning. This distinction is possible by the concept of the “change of system states” (1996, p.67).

“The social dimension, once available, enables a constantly accompanying comparison with what others can or would experience and how others could position their actions” (1996, p.81). Assim, a dimensão social da significação permite fazer a diferenciação entre o sistema observante e o observado. A perspectiva do outro deve ser considerada, levando ao surgimento de regras, normas e leis. Desta forma, o indivíduo abriria mão, parcialmente, de sua individualidade em favor da significação coletiva.

3. Disseminação da informação em rede

Com o título “First refusenik in current war: Armored Corps officer”, a reportagem de Hanan Greenberg para o site YNetNews (<http://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-3283899,00.html>) gerou um debate acalorado entre os leitores que acompanhavam a evolução da guerra no Líbano. Leitores não apenas de Israel, mas de grande parte dos continentes. O texto informava as razões da deserção do militar Amir Pastar, capitão da reserva das forças armadas israelenses convocado para a guerra, trazendo os argumentos dele na voz de sua namorada, Nitzan.

O site disponibiliza um espaço para os leitores comentarem as notícias e interagirem entre si a respeito do assunto. A partir dos 51 comentários coletados no site no dia da captura da notícia (19/5/2008, 13:33) foi possível estabelecer uma rede de disseminação geopolítica da notícia. Além da repercussão interna, Israel atingiu Alemanha, Argentina, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Itália, Líbano, Líbia e Qatar (Figura 1).

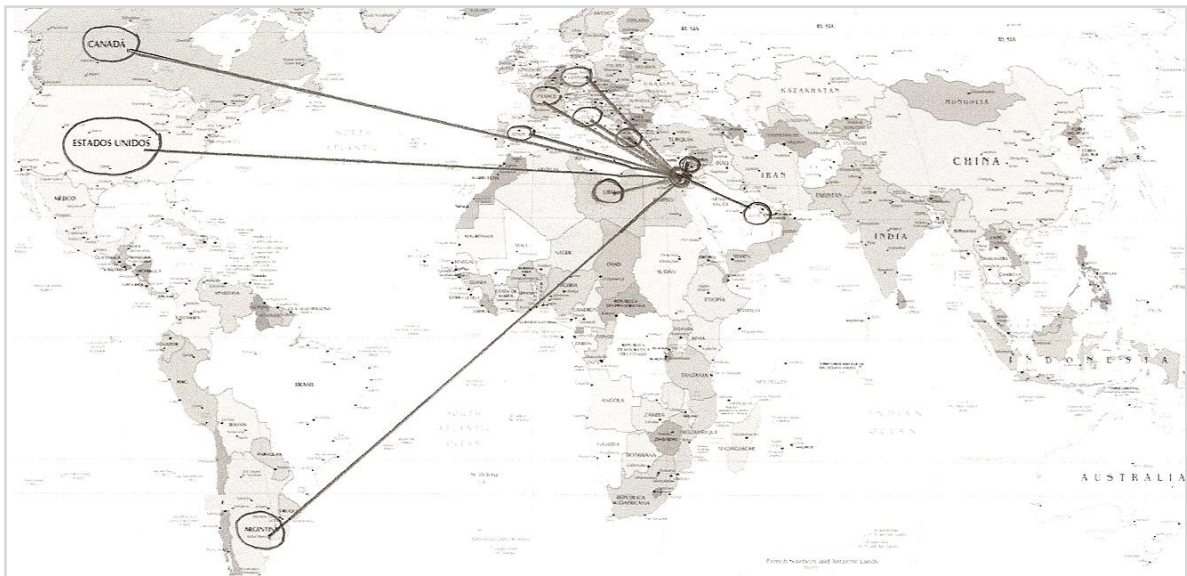


Figura 1. Alcance geopolítico da notícia publicada pelo YNetNews¹

3.1. Países que comentam a notícia

A tabela e o gráfico a seguir (Tabela e Gráfico 1) mostram o número de comentários, e respectivos países, que interagiram no site. Os países foram definidos a partir da declaração do leitor no momento do post. Um dos leitores identificou-se como sendo, ao mesmo tempo, de Paris (França) e Montreal (Canadá). O comentário entrou para a contagem dos dois países, respeitando a declaração de seu autor. Desta forma a

contagem de dados em todas as análises foi feita a partir do número total de países identificados nos comentários (52). Existiram ainda casos de leitores que opinaram anonimamente, o que pode sugerir, num desdobramento futuro, uma análise mais

¹ Traçado da rede geopolítica feito pela autora em mapa-múndi disponível na internet

aprofundada do conteúdo dos comentários.

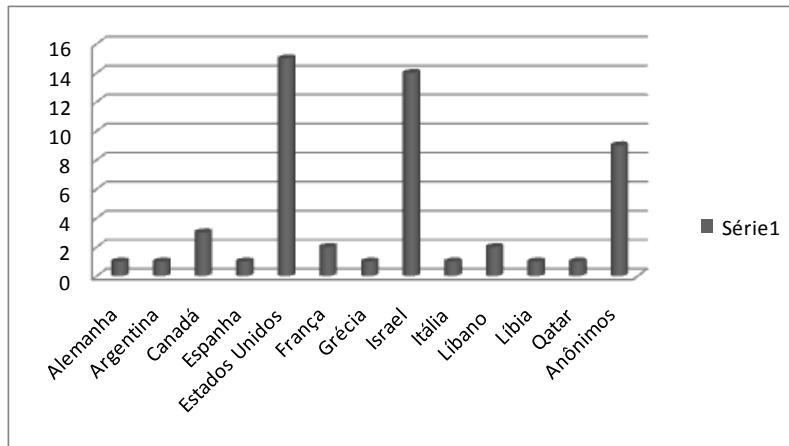
Os Estados Unidos foram o país que mais tiveram a iniciativa de deixar comentário (15), seguidos por Israel (14) e uma grande parcela de autores anônimos (9). O leitor que se auto-declarou cidadão de dois países elevou sensivelmente a participação do Canadá e da França fazendo-os se destacarem entre os países com menos comentários publicados.

Na visão geral de distribuição de comentários por macrorregião destaca-se a participação da Europa fora das grandes áreas de impacto já citadas (Israel e Estados Unidos) e o equilíbrio entre as interações feitas pela América (fora os Estados Unidos) e Países árabes.

Tabela 1. Distribuição de comentários por países

País	Comentários
Alemanha	1
Argentina	1
Canadá	3
Espanha	1
Estados Unidos	15
França	2
Grécia	1
Israel	14
Itália	1
Líbano	2
Líbia	1
Qatar	1
Anônimos	9
Total	52

Gráfico 1. Distribuição de comentários por países



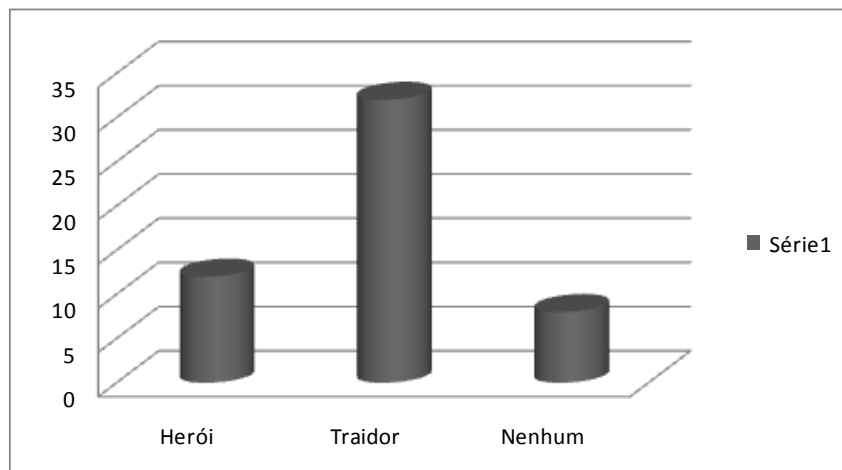
3.2. Juízo de valor nos comentários

Entre todos os países que entraram na discussão, a maioria maciça (32) classificou a atitude do militar de “vergonhosa” ou um “ato de covardia”, classificando-o como traidor. Outros 12 afirmaram que Pastar foi digno e heróico. Dos 52 países, 8 comentários não emitiram opinião sobre a decisão do militar, apenas refletiram sobre a guerra ou comentaram diretamente algum outro post (Tabela e Gráfico 2).

Tabela 2. Distribuição de adjetivação a partir da conduta do militar

Adjetivo	Comentários
Herói	12
Traidor	32
Nenhum	8
Total	52

Gráfico 2. Distribuição de adjetivação a partir da conduta do militar



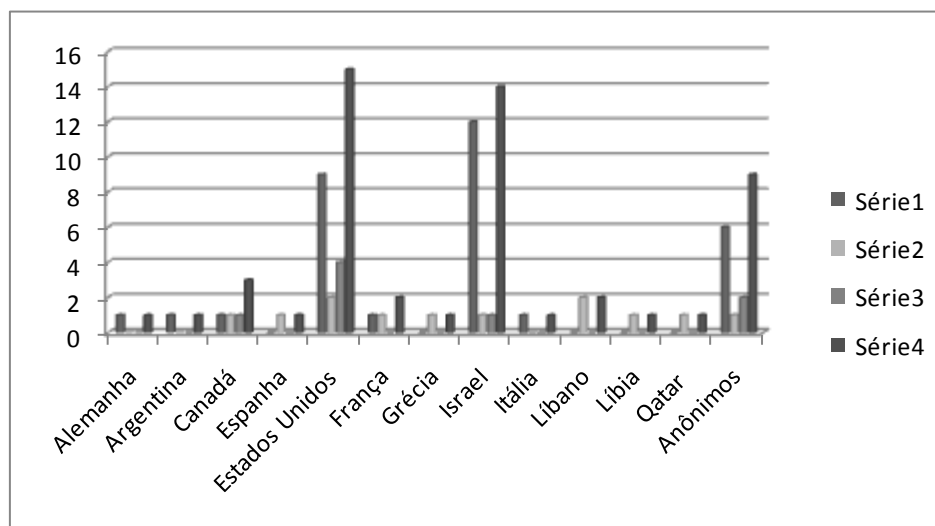
Os dados abaixo (Tabela e Gráfico 3) mostram como as nações se dividiram em classificar a atitude do israelense. Entre os 32 países que acreditam em **traição**, Israel e Estados Unidos destacam-se em primeiro lugar, com 12 e 9 votos, respectivamente. Chama a atenção o fato de o gráfico mostrar a divisão quase igualitária da opinião pública israelense. Em terceiro lugar vem a categoria Anônimos com 6 posts desfavoráveis à deserção.

Dos 52 países, 12 acreditam no ato **heróico** do militar, em primeiro lugar estão os Estados Unidos (2), seguidos pelo Líbano (2), este último alvo da guerra. Mais uma vez aqui é possível verificar um equilíbrio de posições entre as nações. Do total, 8 países não fizeram juízo de valor, apenas comentaram a guerra ou dirigiram comentários a outros posts.

Tabela 3. Distribuição de países cujos representantes referem-se ao militar como traidor, herói ou sem adjetivação

País	Traidor	Herói	Nenhum	Total
Alemanha	1	0	0	1
Argentina	1	0	0	1
Canadá	1	1	1	3
Espanha	0	1	0	1
Estados Unidos	9	2	4	15
França	1	1	0	2
Grécia	0	1	0	1
Israel	12	1	1	14
Itália	1	0	0	1
Líbano	0	2	0	2
Líbia	0	1	0	1
Qatar	0	1	0	1
Anônimos	6	1	2	9
Total	32	12	8	52

Gráfico 3. Distribuição de países cujos representantes referem-se ao militar como traidor, herói ou sem adjetivação



3.3. Interação entre os países

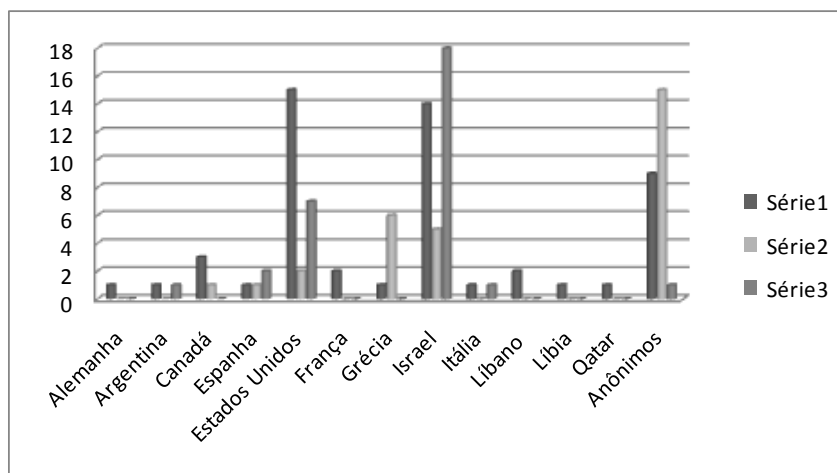
Os dados abaixo (Tabela e Gráfico 4) permitem visualizar a quantidade de interação entre os países a partir do número de trocas de comentários entre as postagens. Na coluna “comenta a notícia” está a contagem geral definida pela simples aparição de cada país nos comentários da notícia. Quem “comenta o comentário” tem uma interação bem maior, já que o internauta representante do país teve o trabalho de ler, além da notícia, os outros comentários, definindo a qual post responderia. A coluna “recebe comentário” indica apenas o input de informação, e seu valor alto sem a contrapartida do output define uma clusterização passiva do país.

Pessoas que não identificaram seu país foram as que mais comentaram os posts (15), indicando um possível conforto em expressar a opinião protegido pela condição de anonimato. É da Grécia que parte o comentário dirigido ao maior número de participantes do site. Apesar de ter deixado apenas uma postagem, o leitor grego referiu-se nominalmente aos 4 participantes de Israel e 2 dos Estados Unidos que chamaram Amir Pastar de covarde. Israel interagiu diretamente com 5 outros comentários, mas teve a maioria dos comentários dirigidos para si (18). Os Estados Unidos fizeram menção a apenas 2 outros posts e, no entanto, receberam o segundo maior número de referências (7). Os países Alemanha, Argentina, França, Itália, Líbano, Líbia e Qatar não interagiram com os demais participantes da lista.

Tabela 4. Interação entre os países por meio de comentários

País	Comenta a notícia	Comenta o comentário	Recebe comentário	Total
Alemanha	1	0	0	1
Argentina	1	0	1	2
Canadá	3	1	0	4
Espanha	1	1	2	4
Estados Unidos	15	2	7	24
França	2	0	0	2
Grécia	1	6	0	7
Israel	14	5	18	37
Itália	1	0	1	2
Líbano	2	0	0	2
Líbia	1	0	0	1
Qatar	1	0	0	1
Anônimos	9	15	1	25
Total de interações	52	30	30	112

Gráfico 4. Interação entre os países por meio de comentários



3.4. Formação de clusters

Quando se avalia a ligação entre os países a partir do direcionamento ou recepção de comentários torna-se possível estabelecer uma rede geopolítica com graus de interação, motivada pela busca de informações sobre a atuação israelense na Guerra do Líbano ou, mais especificamente, a primeira deserção na IDF durante o conflito.

A tabela a seguir (Tabela 5) mostra numericamente como os países trocam comentários entre si, quais os que mais recebem e de quem, e os que mais direcionam e para quem. Atrás apenas dos leitores anônimos, a Grécia dispara um único post, mas de

grande valor porque cita os leitores aos quais direciona sua crítica (dos Estados Unidos e de Israel). Israel é o terceiro grande direcionar de posts, dirigindo-se abertamente aos participantes da Argentina, Espanha, Estados Unidos e um anônimo. Em seguida vêm os Estados Unidos, com um comentário dirigido a um autor do próprio país e a outro da Itália.

Israel é o país que mais tem comentários comentados e criticados (18), sendo 4 da Grécia e 14 de autores anônimos. Os Estados Unidos são o segundo colocado em recebimento de comentários. Eles vêm dos países Canadá (1), Espanha (1), Estados Unidos (1), Grécia (2) e Israel (2).

Tabela 5. Interação entre os países por troca de comentários

País	Comenta o comentário	Recebe comentário	Total
Alemanha	0	0	0
Argentina	0	Israel (1)	1
Canadá	Estados Unidos (1)	0	1
Espanha	Estados Unidos (1)	Anônimo (1), Israel (1)	3
Estados Unidos	Estados Unidos (1), Itália (1)	Canadá (1), Espanha (1), Estados Unidos (1), Grécia (2), Israel (2)	9
França	0	0	0
Grécia	Estados Unidos (2), Israel (4)	0	6
Israel	Anônimo (1), Argentina (1), Espanha (1), Estados Unidos (2)	Anônimo (14), Grécia (4)	23
Itália	0	Estados Unidos (1)	1
Líbano	0	0	0
Líbia	0	0	0
Qatar	0	0	0
Anônimos	Espanha (1), Israel (14)	Israel (1)	16
Total	30	30	60

Já a Figura 2 é uma representação gráfica da clusterização da rede formada pelos países participantes do fórum do YNetNews. É possível notar a posição de destaque de Israel como cluster que recebe e distribui informações para o maior número de países. Protegidos, os autores anônimos são os que mais direcionam comentários a Israel.

Os Estados Unidos são um grande pólo de recepção de informações, distribuindo muito pouco em relação ao seu input. Curiosamente, a Grécia mostrou-se um forte

propagador, enquanto Alemanha, França, Líbano, Líbia e Qatar não dialogaram com ninguém depois de postar o comentário inicial e, portanto, ficaram desconectados na rede. Mais uma vez aqui cabe a suposição de que o anonimato permitiu a expressão dos países árabes num nível baixo de exposição.

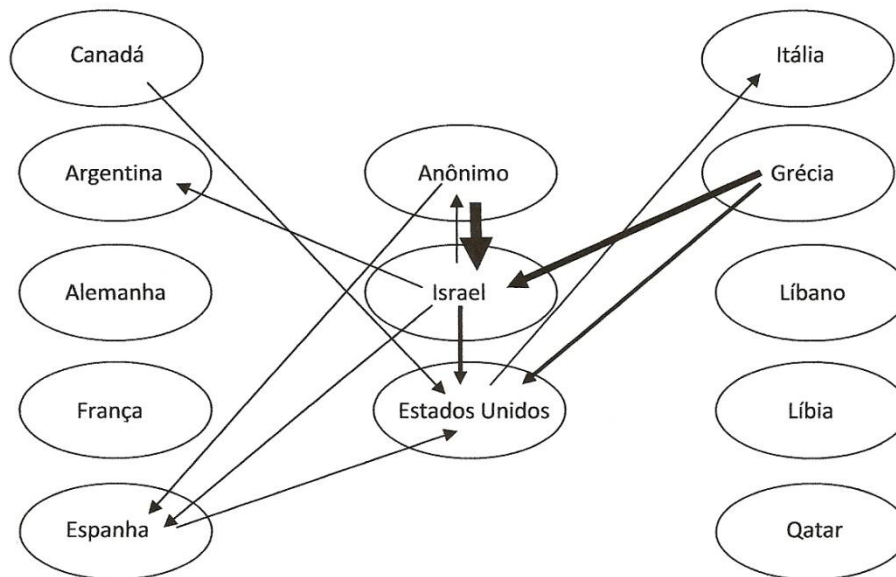


Figura 2. Interação entre os países por troca de comentários

4. Conclusão

A avaliação da rede geopolítica que se formou a partir da participação de países no fórum do site de notícias YNetNews mostrou, em primeiro lugar, que a internet é um bom disseminador de informação em momentos de conflito. A notícia atingiu efetivamente 12 nações, além do público local, que participaram deixando comentários sobre a reportagem e sobre os próprios comentários do fórum.

Grande parcela dos participantes classificou a Amir Pastar como traidor, a maioria deles vindos de Israel. O número indica que, pelo menos entre os israelenses que entraram no fórum, o assunto divide a opinião pública cada vez que a sociedade tem de enfrentar uma onda *refusenik*. Ao que parece, o sistema societal do país é fechado em relação a este tema específico, estaria numa fase inicial de redução de complexidade para sua posterior acomodação ou, ainda, usaria a ruptura para reforçar o padrão



estabelecido: a trajetória militar israelense e a necessidade incondicional de prestar serviço nas forças armadas do país.

As trocas de posts entre os autores propiciaram a verificação do jogo de interações, com o estabelecimento de centros de influência, disseminadores e propagadores de informação. Israel, Estados Unidos e Grécia são os países mais influentes nesta rede. Percebeu-se ainda que o anonimato serviu de proteção para muitos dos autores que emitiram suas opiniões sem declarar a qual país pertenciam.

Um desdobramento futuro deste trabalho poderia ser a avaliação detalhada do conteúdo dos comentários, assim como a ampliação da amostragem com o objetivo de obter um retrato mais fidedigno da opinião pública israelense sobre os *refuseniks*.

Referências bibliográficas

KIDRON, Peretz (2007) *Refusenik! Os rebeldes do exército israelense* São Paulo: Casa Amarela.

LUHMANN, Niklas (1996) *Social Systems*, California: Stanford University Press.

STEINBERGER, Margarethe Born (2005) *Discursos Geopolíticos da Mídia: Jornalismo e Imaginário Internacional na América Latina*, São Paulo: Fapesp, Educ, Cortez.

Courage to Refuse

www.seruv.org.il

Haaretz

www.haaretz.com

Nonviolence Peace Force

www.nvpf.org

Peace Now

www.peacenow.org

Peace Power

www.calpeacepower.org

Refusers Solidarity Network

www.refusersolidarity.net

Shministim

www.shministim.org

Yesh Gvul

www.yeshgvul.org.il

YNet News (Yedioth Ahronoth)

www.ynetnews.com

<http://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-3283899,00.html> (19/5/2008, 13:33)



You Tube

<http://br.youtube.com/watch?v=Wvyk5ZSrOkk> (16/5/2008, 15:50)

<http://br.youtube.com/watch?v=nDSXG0oGj8o&feature=related> (16/5/2008, 15:54)

<http://br.youtube.com/watch?v=wjEW0jR63Yw&feature=related> (16/5/2008, 16:00)

<http://br.youtube.com/watch?v=37MFa7ZKQWo&NR=1> 16/5/2008, 16:17)